

QUEM SE IMPORTA COM TAIWAN?

Vinicius Azevedo Barbosa

Discente do Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais
da Universidade Federal da Paraíba
vinicius.azevedo1@gmail.com

Augusto Wagner Menezes Teixeira Junior

Doutor e Mestre em Ciência Política (UFPE), Bacharel em Ciências Sociais (UFPE)
Professor Adjunto do Departamento de Relações Internacionais
da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
augustoteixeirajr@gmail.com

Roberto Vilmar Satur

Doutorando em Ciência da Informação e Mestre em Economia (UFPB), Especialista em
Comércio Exterior e Bacharel em Economia (Unijui) e Bacharel em Administração (URI)
Professor Assistente do Departamento de Mediações Interculturais
da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
robertosatur@yahoo.com.br

ABSTRACT

Este artigo faz uma análise geopolítica da relação entre a República Popular da China e a República da China (Taiwan), buscando refletir a respeito de uma série de eventos e documentos importantes e o que eles representam: desde a revolução de Hsinhai (1911) que depôs a última dinastia chinesa, Qing, liderada por Sun Yat-Sen, que funda a República da China até a fuga e o exílio do Partido Nacionalista Chinês em Taiwan (Kuomintang), bem como o que esse exílio representou para a ilha. Também se busca discorrer sobre as crises armamentistas e diplomáticas entre esses atores e a papel dos Estados Unidos (EUA) na região. No texto são levantadas questões que buscam respostas para entender o desenvolvimento do conflito e quais seriam as consequências da independência *de jure* de Taiwan ou a sua anexação total ao território chinês. São abordados, também, no texto a interpretação da política de "uma China, dois sistemas" e seu impacto na organização política chinesa. Também como a ilha de Taiwan pode ser entendida como o grande ponto de choque, pois é onde os interesses de expansão de influência das duas maiores potências mundiais da atualidade (EUA e China) se encontram. Ou como uma base estratégica militar fundamental um Unsinkable Aircraft, que tem poder de remodelar o *status quo* da região, e do mundo, dependendo de como a relação possa evoluir.

Palavras chave: Taiwan; China; relações interestreito; uma China, dois sistemas; Independência taiwanesa. Relações interestreito,.

ABSTRACT

This article makes a geopolitical analysis of the relations between the People's Republic of China and the Republic of China (Taiwan), reflecting on a series of events and important documents and what they represent: Since the Hsinhai Revolution (1911), passing by the Kuomintang's exile in the island of Taiwan, until the armaments crisis in the strait. It is also discussed through the work the role of the United States in the region. In the article questions are raised trying to understand the development of the conflict and would be the consequences of a *de jure* independence of Taiwan or its complete annexation to the Chinese territory. It is discussed in the end of the article on how Taiwan's role can be interpreted as a great axis of shock between the two biggest superpowers in the world.

Keywords: Taiwan; China; Cross strait relations; One China, Two Systems; Taiwanese Independence.

1. INTRODUÇÃO

Esse artigo aborda os conflitos e movimentos políticos no estreito de Taiwan e busca entender questões à respeito de soberania Chinesa, com enfoque nos documentos e relatos de nativos sem a visão meramente ideológica a favor de Taiwan ou da República Popular da China na descrição das relações entre esses atores. No texto também é discutido a presença estadunidense na região.

1.1 Contextualização e Justificativa

Ressalta-se no artigo a importância geoestratégica da ilha na manutenção ou reestruturação do *Status Quo* na região e como os Estados Unidos e a República Popular da

China pensam e desenvolvem políticas à respeito. A economia bilateral entre os países não é esquecida, embora não seja o foco do presente trabalho.

A relação sino-taiwanesa mudou completamente com o passar dos anos, desde a chegada de Chiang Kai-Chek e seus companheiros, até MaYing-Jeou. Um aspecto a ser analisado no artigo é a formação da República da China e como esse evento teve consequências cruciais para a compreensão do conflito.

1.2 O método

O presente artigo é resultado de uma pesquisa tematizada (pela internet), documental e bibliográfica. Foram utilizados documentos oficiais da Casa Branca (governo americano), do Partido Comunista Chinês (governo chinês), do Kuomintang, da Organização das Nações Unidas (ONU) além de várias análises de institutos de pesquisa em segurança e política internacional.

As traduções de nomes do Mandarim para o português foram feitas com a utilização do método de romanização Pinyin, que é o sistema mais usual para a transcrição do mandarim para línguas ocidentais.

2. DA QUEDA DA DINASTIA À FUGA PARA A ILHA

Antes de discutir as questões envolvidas nas políticas da região que, englobam Taiwan e a República Popular da China, é importante fazer uma reflexão sobre os personagens históricos e como seus ideais moldaram a relação entre a ilha e o continente. São eles: Sun Yat-Sen, Chiang Kai-Chek e Mao Tsé-Tung:

- *Sun Yat-Sen*: Independente do partido Koumintang, ou Comunista Chinês, a pessoa ~~figura~~ de Sun Yat-Sen é admirada e respeitada, pois ele foi o grande pensador e entusiasta da República Chinesa, independente da organização política que a China viesse a ter (capitalista, comunista, democrática ou autoritária); (BERGÈRE, 1994)

- *Chiang Kai-Chek*, generalíssimo chinês e sucessor de Sun Yat-Sen no governo da República da China, foi um dos governantes da China num dos períodos mais caóticos da história chinesa. Além de ter que lidar com uma china semi-feudal, e seus Warlords, a china sofria invasões nipônicas na Manchúria e ele se viu ameaçado pela expansão dos ideais comunistas

no país durante as Frentes Unidas, que é discutido mais adiante neste artigo. Eram batalhas complexas, pois apresentaram novos métodos de ataques, principalmente por parte dos comunistas. A derrota lhe custou o exílio na ilha (Taiwan), em 1949, quando estoura a revolução Cultural que derruba o Kuomintang do Poder; (FENBY, 2003)

- *Mao Tsé-Tung*, líder chinês mais importante da história moderna chinesa, empreendeu estratégias de guerrilha para a tomada do poder no país. Ele marchou com milhares de chineses, divulgando os ideais comunistas e ganhando apoio das pessoas mais carentes na sociedade chinesa da época. Esses foram os objetivos das Frentes Unidas e da Grande Marcha. A um custo humano muito elevado, Mao Tsé-Tung conquista algumas cidades e rotas comerciais importantes, e por fim, toda a China. Iniciando, não prontamente, os conflitos no estreito. (SCHRAM, 2015)

Em 1911 estoura a revolução de Hsinhai que derruba a última dinastia chinesa, Qing, e estabelece a República da China em 1912. Inflamada pela insatisfação da população com os governantes, e os níveis de corrupção no império, e com supressão da voz do maior grupo étnico da China, os Han, pelos Manchu. Etnia que governou a china desde a dinastia Ming até então. (BERGÈRE, 1994)

Sun Yat-Sen, futuro presidente do governo provisório é considerado pelos chineses e taiwaneses como sendo o "pai da nação". Ele foi um médico que morou no Havaí, Hong Kong e passou grande parte da sua vida no exílio. Inspirado por ideais republicanos ele tentou derrubar a dinastia Qing duas vezes. Na primeira tentativa, em 1895, ele falha e é condenado ao exílio, os quais aproveita para passar. Ele passa dezenove anos viajando pela Europa, Estados Unidos e Canadá, arrecadando fundos e apoio político à causa republicana chinesa. (ENCICLOPÉDIA BRITANICA, 2015)

Ainda segundo a Enciclopédia Britânica (2015) em 1911, estoura a revolução de Hsinhai e ele retorna a China, mais especificamente para Nanquim, onde é designado como presidente do governo provisório.

Em 1912 o Kuomintang é fundado e, assim nesse mesmo ano o mandato de Sun Yat-Sen, durou pouco tempo, ainda em 1912 ele entregou o cargo para o General Yuan Shi-Kai, esperando que este cumprisse a tarefa de unificar a China mais uma vez. No entanto, o general Yuan Shi-Kai se mostrou um tirano com ideais monarquistas. E em pouco tempo no poder ele instaura um governo autocrata, pratica a perseguição aos opositores, fecha o congresso e, em 1913, condena Sun Yat-Sen a mais um exílio. O governo de Yuan Shi-kai, previsto no modelo original, durou três anos. Em 1915 ele se proclama imperador e instaura

na China o tipo de governo que ele mesmo ajudou a derrubar. Mas seu reinado durou pouco. Em 1916, por pressões internas e externas à China, ele abdica do trono e voltou a ser presidente.

O General Yuan Shi Kai falha nas tentativas de reunificar a China e no seu projeto de instaurar mais uma vez o sistema monárquico no país. Nos anos que precederam a queda de Yuan Shi Kai, o Japão impõe uma série de exigências e intervenções em Pequim, gerando revoltas por toda a China. No sul, essas revoltas ganham mais força, onde Sun Yat-Sen se fixa e cria uma base política para o Kuomintang. É também de onde ele governa a República da China. (BERGÈRE, 1994)

As diferenças entre o sul e norte da China aumentaram e impossibilitaram por muitos anos a ideia de reunificação chinesa. As províncias do norte eram dominadas pelos senhores da guerra, fazendeiros com exércitos privados que governavam, paralelamente ao Estado, grande parte da China. Seus poderes e exércitos aumentaram durante o governo de Shi-Kai e estenderam-se até 1928, esse período da história chinesa é conhecido como a Era dos Senhores da Guerra. (BIBLIOTECA PORTUGUESA, 2010)

Em 1921 ocorreram novas eleições e Sun Yat-Sen foi eleito mais uma vez. Enquanto isso, o Partido Comunista Chinês é fundado sob a liderança de Li-TaChao, Chu Teh e Mao Tsé-Tung na cidade de Shanghai. Em 1924, o Kuomintang e o Partido Comunista, já com um considerável número de seguidores, se unem para combater os senhores da guerra no país. Com a colaboração da União Soviética, liderados na China pelo Kuomintang, comunistas e nacionalistas se unem e formam a Primeira Frente Unida, com o objetivo de combater esses "warlords". Em 1925, Chiang Kai-Chek assume a liderança do país e continua com o empreendimento de acabar com os senhores da guerra. Durante a Frente Unida os comunistas divulgaram seus ideais nas regiões por onde ainda não tinham passado, aumentando seu número de seguidores. O que gera a revolta de Kai-Chek, que ordena a caçada dos comunistas. Chegando ao ápice com o massacre de Shanghai, ainda durante o período da Frente Unida. O que forçou a retirada do apoio soviético aos nacionalistas. (FENBY, 2003)

A guerra civil chinesa estoura, inflamada pelos eventos em Shanghai e em Xi'an. Em 1934 começa a Grande Marcha da China.

O governo de Chiang Kai-shek não aceitou a rivalidade e liderou cinco campanhas contra Kiangsi. Apoiado por peritos militares alemães e dispendo de armas modernas, ele venceu os comunistas e fechou um cerco em torno dos 180 mil homens do "Exército Vermelho". Cem mil deles conseguiram

furar o bloqueio para seguir com Mao até o norte do país e fundar uma nova república. (KOKOTOWSKI, 2011)

O exército nacionalista ficou dividido entre as invasões japonesas e no combate ao exército vermelho de Mao. Durante os embates da guerra civil, uma segunda Frente Unida foi formada por nacionalistas e comunistas, agora com o objetivo de expulsar os japoneses da Manchúria. Mais uma vez os nacionalistas dirigiram o embate. A derrota de Chiang Kai-Shek era eminente mas com um futuro ainda turvo. Em pouco mais de seis meses o Exército Vermelho conseguiu dominar cidades e rotas comerciais mais importantes. Até então, os comunistas tinham sob seu governo apenas cidades rurais e de pouca relevância política na China, distantes da capital. (FENBY, 2003)

Em 1949, depois de mais de uma década de combates, os comunistas tomam Pequim e os membros do Kuomintang, governantes do país até então se exilam na ilha de Taiwan, onde instauram o governo da República da China. Inclusive, até a década de 1970, ainda respondiam, em organismos internacionais, como sendo governo soberano da China, inclusive do território continental. (MACFARQUHAR,2006)

A presença japonesa no período foi crucial para a vitória dos comunistas contra nacionalistas. Dividir o exército em dois campos de batalha não teve a eficácia esperada por Chiang Kai-Chek. Afinal, os nacionalistas tinham uma vantagem numérica sobre os comunistas. (MACFARQUHAR,2006)

Durante a Grande Marcha da China aproximadamente 80 mil homens morreram de causas diversas, de inanição, doenças e nos embates contra os nacionalistas. (BIBLIOTECA PORTUGUESA, 2010)

Em contrapartida ao apoio popular que os comunistas conquistaram, o Kuomintang obteve o apoio dos Estados Unidos durante a sua afirmação no âmbito internacional até a China intervir e declarar soberania sobre o território Taiwanês. (MACFARQUHAR,2006)

Em 1951, o Japão assina o tratado de São Francisco, no qual renuncia às ilhas de Taiwan e Panghu (Pescadores), anexadas ao seu território desde 1895. Mas no documento não está especificado se as ilhas serão anexadas ao território chinês ou não. O Kuomintang governava República da China, em Taiwan, já há dois anos. O fato de um governo estar instaurado antes do tratado ser assinado causa confusão na questão da soberania chinesa na ilha. (ONU, 1951)

Durante anos, o Kuomintang imaginava que seria possível reaver o antigo território continental da República da China. Essa percepção mudou com o passar dos anos e dos

governantes, pois foram adquirindo algumas identidades próprias e começaram a se identificar mais como taiwaneses do que chineses exilados.

3.RELAÇÕES BELICOSAS, PRESENÇA DO UNCLE SAM E SUAS JUSTIFICATIVAS

Reaver o território taiwanês é, para a República Popular da China, uma resposta aos séculos que o povo chinês esteve sob domínio das potências imperialistas. Taiwan é o último território rebelde a ser controlado. A sua independência pode instigar uma onda de movimentos separatistas na China.

O Capitão Manuel Alexandre Garrinhas Carriço (2004), analisa o que Taiwan representa para a China com esse argumento:

O simbolismo de Taiwan para a China é relevante, materializando um conjunto de atitudes e memórias bastante intrincadas na psiche dos chineses. A conjugação de fatores históricos com a imperiosidade da unidade territorial nacional – e um “nacionalismo afirmativo” como um dos instrumentos destinados a combater o século da humilhação e do domínio das potências estrangeiras prefiguram-se como alguns dos alicerces que a China apóia com vista a reabilitação do seu papel como potência central nos assuntos internacionais. (Carriço, 2004 p. 1/21)

Os Estados Unidos tem uma relação de proteção com Taiwan, desde que Sun Yat-Sen buscou apoio para a Revolução de Hsinhai com o intuito de defender os ideais democráticos, tão respeitados pelos americanos. É perceptível o desenvolvimento de políticas voltadas para os dois lados do estreito, entre elas, o fornecimento de armas, que expandiu-se na Administração Clinton após a crise de 1995-1996. Esse tipo de atitude é visto por vários especialistas como uma das causas pelas quais o *status quo* da região se manteve, de certa forma, inalterado. O Taiwan Relations Act, é o documento pelo qual a Casa Branca norteia as suas relações paradiplomáticas com a República da China e Taiwan. Desde a década de 1970 Washington transferiu a sua representação diplomática de Taipei para a Pequim. (CONGRESSO DOS EUA, 1979)

Segundo Lieberthal (2005), caso o conflito entre China e Taiwan venha a ocorrer, ele pode evoluir para uma fácil vitória do Exército da Libertação Popular sobre Taiwan. Mas, dependendo do nível de intervenção dos Estados Unidos, pode acontecer um embate entre as duas potências militares. Taiwan atende à funções estratégicas tanto para os Estados Unidos

quanto para a China, sendo fundamental para o estabelecimento dos limites de influência militar para os dois países. Nem a República Popular da China nem os Estados Unidos estão dispostos a “dar o primeiro tiro” e assumir uma posição mais radical na situação. Esse embate é visto como último recurso, e vai depender muito das Relações Pequim-Washington, para que os americanos se envolvam diretamente no conflito.

Ainda Segundo Kenneth Lieberthal (2005), há três formas de se pensar a independência da ilha:

- 1) Reconhecimento da independência do país por outros países, estabelecendo relações diplomáticas com o mesmo. Nessa acepção de independência a República Popular da China obteve sucesso graças à sua inserção na ONU e a expulsão de Taiwan da organização, em 1979. Gerando uma onda de “desreconhecimento” do governo da República da China em Taiwan, pois vários países transferiram suas representações diplomáticas de Taipei para Pequim. Atualmente, em torno de 20 países reconhecem Taiwan como país, nenhum com grande relevância internacional;
- 2) Segundo tipo de independência, ou “*ideational*”, ocorre quando a população de um país aceita e promove uma ideia de que são uma comunidade distinta, constituindo uma unidade política. O Fórum Luso-Asiático n’O diálogo Europa-Ásia-Pacífico: Desafios e Turbulências do Século XXI (2004) discute que nos últimos anos observou-se em Taiwan o crescimento de um fenômeno chamado “taiwanismo”, sentimento de identidade, cidadania e de dever para com a nação. Definido como projeto comum de construção de identidade nacional diferente que independe de fatores étnicos, já que tanto a China quanto Taiwan têm raízes étnicas semelhantes e compartilhadas;
- 3) O terceiro e último tipo de independência, mais técnica, é a alteração da constituição taiwanesa. Embora a ilha tenha liberdade administrativa interna, a alteração da constituição é um movimento que tanto chineses quanto americanos temem. Pois para o Partido Comunista Chinês, isso ultrapassa todos os limites de liberdade cedida às suas zonas administrativas autônomas.

O cenário mais provável para uma mudança na constituição taiwanesa, seria a mudança da percepção do governo com relação a ser governantes da República da China e se tornarem governantes da República de Taiwan. Objeto almejado por muitos governantes pós Chiang Kai-Chek que repensaram a sua política de reaver o território continental da República da China, já não mais havendo interesse. Eles se veem como uma nação ainda não soberana sobre seu próprio território.

Essa ruptura total entre China e Taiwan é temido por Pequim, pois não lhe restaria outra opção se não o uso da força para manter a integridade nacional do país. O que poderia levar a eminentes riscos de ocorrer eventos como os apresentados anteriormente neste trabalho.

Conclusão

Como dito por Bernkopf (2002) a questão não se resume a quanto a República Popular da China é vista como ameaça para os Estado Unidos militarmente num contexto geral, mas sim nas relações interestreito, e até onde pode se definir os conceitos de segurança na relação triangular entre China-Estados Unidos-Taiwan.

Muito se tem mudado nos dois lados dos estreitos desde Mao e Kai-chek. O dois países se desenvolveram economicamente, cada um a seu jeito e são referências internacionais. O *boom* econômico chinês os ajudou a moldar e desenvolver estratégias economicamente sedutoras e militarmente coercitivas. Entre elas, expansão da comunicação, transporte e comércio entre os dois lados do estreito, retirada de restrições comerciais para empresas taiwanesas na China e até fomentar a unificação entre os dois lados do estreito. Em entrevista, um alto oficial chinês declarou, em 2002: “Nossa economia é nossa melhor arma. Não os atacaremos. Vamos comprá-los. Isso é tipicamente chinês”. (TUCKER, 2002)

Tsai Ing-Wen, chairwoman do Mainland Affairs Council, observou, “Investimentos da China continental devem ser parte integral do nosso plano de expansão global”. O desenvolvimento em Taiwan durante as últimas décadas tem produzido impulsos que estão afastando China e Taiwan e, ao mesmo tempo, estão sendo aproximados de forma economicamente irresistível. (BERNKOPF, 2002).

Há alguns anos, a China é vista pelos empresários taiwaneses como um enorme campo industrial para suas empresas, principalmente no ramo tecnológico. E esses empresários, em sua maioria, próximos ao governo, veem a unificação como expansão dos seus negócios e entendem a unificação como algo benéfico para os dois lados do estreito. (CHAN-YUAN, 2005)

O governo Taiwanês tem que trabalhar muito para manter suas instituições financeiras, os setores de serviços e as indústrias de base competitivas diante das empresas da China continental. A corrida tecnológica está acirrada entre chineses e taiwaneses, logo, os papéis podem ser invertidos e as empresas taiwanesas podem deixar de ser tão interessantes aos chineses.

Muito além do poder econômico, a República Popular da China têm executado intensos exercícios militares na região. Na década de 1990, foram posicionados na costa continental do estreito, mísseis balísticos de curto e médio alcance com a intenção clara de intimidar a população taiwanesa e o governo da ilha para passar a mensagem de que qualquer movimentação unilateral de alteração do *status quo* da região, por parte de Taiwan, não será aceita.

Em 1995, foi concedido para o presidente taiwanês, Lee TengHui, na época um visto de visitante para que ele fosse discursar na sua *Alma Mater*, University of Cornell. Essa concessão de visto em nada agradou a cúpula do governo chinês, que por sua parte, ordenou uma série de disparos ao longo das águas que circundam Taiwan. Em Cornell, Lee Teng-Hui, discursou a respeito de como o respeito mútuo pode levar a uma reunificação pacífica da China.

Lee foi considerado traidor pelo Partido Comunista Chinês, e sua retórica anti-independentismo intensificou-se e chegou à seu ápice próximo as eleições presidenciais taiwanesas em março de 1996. Lee concorria a reeleição, ele foi eleito para o primeiro mandato por eleições indiretas, e o governo chinês disparou mais mísseis em águas territoriais taiwanesas, próximas ao portos de Keelung e Kaohsiung, com a clara intenção de enfraquecer politicamente Lee e causar medo na população.

Como resposta à essa ação, Bill Clinton, mandou posicionar dois grupos de batalha de porta aviões, posicionados ao redor dos portas avião Independence e Nimitz. A mensagem ficou clara, os Estados Unidos estavam prontos para entrar em guerra se fosse necessário. O governo chinês, em resposta, encomendou da Rússia alguns destroyers Sovrennemy, e executou operações submarinas no estreito. Ambas as atitudes se mostraram ineficientes e Lee Teng-Hui foi o primeiro presidente democraticamente eleito em Taiwan, com a maioria absoluta dos votos.

Carlson (2005, p. 114), afirma que: "O nó que prende o estreito de Taiwan não será desfeito por mãos americanas. Pelo contrário, apenas os residentes dos dois lados do estreito podem desfazê-lo."

A conjuntura política atual não favorece a resolução pacífica do conflito. É discutido o papel das interpretações dos líderes chineses nas intenções dos primeiros líderes taiwaneses eleitos democraticamente. O que leva a diferentes abordagens do problema soberania taiwanesa. Bush (2005) mostra como a China errou ao não aproveitar para empoderar

politicamente Chen Shui-Bian, sucessor de Lee TengHui com uma postura mais moderada na questão da independência.

Mitchell (2006) afirma que a postura de desrespeito político de Pequim para com Taiwan e sua política de isolamento tem feito muito mal para a causa da reunificação pacífica. É perceptível um crescimento de desconfiança do povo taiwanês para instituições da República Popular da China.

O movimento de desenvolvimento de uma identidade tipicamente taiwanesa cada vez mais distante dos ancestrais comuns entre os dois lados do estreito é visto também como um fator dificultante para a unificação pacífica.

O governo central chinês não compreende as complexidades que envolvem a identidade que reverbera na retórica da percepção do povo taiwanês, e do desenvolvimento da sua relação com a ilha e as instituições ali formadas. Pequim enfrenta outro problema de interpretação da soberania taiwanesa: o Partido Comunista Chinês não pensa em como Taiwan pode ser parte da China, nem se Taiwan se sente como parte da China. É essa má interpretação, ou incapacidade de alinhamento e ajuste que respeite e tente entender as mudanças políticas em Taiwan que ameaçam a apenas energizar as tensões no estreito.

Para finalizar, destaca-se o argumento de Mearsheimer (2004), em que este autor faz uma abordagem com bases na teoria do realismo ofensivo, explicando como a ascensão da China como poder regional hegemônico, na Ásia, vai de encontro com o poder hegemônico que os Estados Unidos exercem no hemisfério ocidental. Ele afirma que o comportamento chinês em sua afirmação como poder hegemônico regional vai ser semelhante ao dos Estados Unidos nos séculos XIX e XX, no ocidente, que tomou o lugar, e o poder, dos países Europeus nas Américas com a Doutrina Monroe. Com isso os Estados Unidos se tornam a primeira potência hegemônica da história moderna. “De qualquer forma, o trabalho de uma super potência não acaba uma vez que ela atinge hegemonia regional. Deve-se garantir que nenhuma outra super potência atinja a hegemonia regional e tome seu lugar no globo.” (MEARSHEIMER, 2004, p.03)

Partindo desse pressuposto, é perceptível o papel importante da ilha de Taiwan, e como sua independência *de jure* ou sua anexação ao território Chinês, podem alterar o balanço de poder no mundo.

Com Taiwan anexado ao território chinês, a República Popular da China projetará ainda mais poder militar no pacífico e na Ásia, além de ter total controle sobre as rotas comerciais da região. Deve-se questionar até onde os demais estados-nações vão aceitar essa hegemonia

chinesa. Índia, Rússia, Vietnã e Coreia do Sul já se preocupam com a evolução do poderio chinês na região.

O *status quo* na região será mantido ainda por várias décadas. Ou talvez a própria aproximação pelo crescimento e de desenvolvimento econômico, militar e social, podem aproximar esses dois atores (China e Taiwan) ainda mais e a anexação do território taiwanês à China, seja algo pacífico. Mas isso está no campo das especulações. A outra forma é a anexação forçada. Nesse caso, resta saber até onde China e Estados Unidos estão dispostos a defender seus interesses na região. Bem como, o que seria do futuro do povo taiwanês na sua "readaptação" à China.

Ainda segundo Mearsheimer (2004), Taiwan, no futuro, deve adotar o que ele chama de Estratégia Hong Kong, e buscar negociar o máximo de autonomia possível do governo central chinês. Explorando assim, a própria política do país de "Uma China, Dois Sistemas" formulada por Deng Xiaoping, já praticada em Hong Kong e Macau. É uma possibilidade pacífica e que pode ser interessante para os dois lados.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGÈRE, Marie Claire. **Sun Yat Sen**, Stanford, Stanford University Press, 1998.

CARRIÇO, Capitão Alexandre Manoel Garrinhas. Uma incursão na dinâmica militar no estreito de taiwan: fatores de hardware e software. **Revista Militar**, Janeiro de 2004. Disponível em: <http://www.revistamilitar.pt/artigopdf.php?art_id=374> Acesso em: 24 dez 2014.

CHAS. W. Freeman Jr., Preventing war in the Taiwan Strait: Restraining Taiwan and Beijing. **Foreign Affairs**, Julho/Agosto de 1988. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/asia/1998-07-01/preventing-war-taiwan-strait-restraining-taiwan-and-beijing>> Acesso em: 22 dez 2014

CHAN-YUAN, Tung. The Evolution of Cross Strait Relations in the first Chen Shui-Bian Administration. In. **the Conference on the First Chen Shui-bian Administration**, Annapolis, Maryland, USA, 5 a 8 de maio de 2005

CONGRESSO DOS EUA, **Taiwan Relations Act**. 10 de Abril de 1979 Disponível em <<https://www.govtrack.us/congress/bills/96/hr2479/text>> Acesso em: 17 dez 2016

FENBY, Jonathan. **GENERALÍSSIMO: Chiang Kai Chek and the China He Lost**. Simon & Schuster UK Ltda, Londres: 2003.

FEDDERSEN, Gustavo Henrique. RPC e Taiwan: Histórico e evolução das relações interestreito, **Seminário Brasileiro de Estudos Estratégicos internacionais SEBREL**. Porto Alegre/RS 20-22 de Junho de 2012. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/sebreei/2012/wp-content/uploads/2013/01/Gustavo-Henrique-Feddersen.pdf>> Acesso em: 03 de Janeiro de 2015

KAN, Shirley A; MORRISON, Wayne M. U.S Taiwan Relationship: Overview of Policy Issues. **Congressional Research service**, 26 de Novembro de 2014 Disponível em: <<https://www.fas.org/sgp/crs/row/R41952.pdf>> Acesso em: 20 dez 2014

_____ ; China/ Taiwan: Evolution of the “One China” Policy- Key Statements from Washington, Beijing and Taipei. **Congressional Research Service**. Disponível em: <<https://www.fas.org/sgp/crs/row/RL30341.pdf>> Acesso em em: 20 dez. 2014

LIEBERTHAL, Kenneth. Preventing a War over Taiwan, **Foreign Affairs**. Março de 2005. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/asia/2005-03-01/preventing-war-over-taiwan>> Acesso em em: 03 jan. 2015

MARTIN, Nail: Sun Yat-Sen: In Defense of Nationalism, The Republic and the American System of Political Economy. **Schiller's Institute**, Disponível em: <http://www.schillerinstitute.org/educ/hist/sun_yat-sen.html> Acesso em em: 20 dez 2014

MAZZA, Michael. Why Taiwan Matters. **The Diplomat**. 08 de março de 2011, Disponível em: <<http://thediplomat.com/2011/03/why-taiwan-matters/>> Acesso em em: 10 dez 2014

McDEVITT, Michael. Taiwan: The Tail that Wags Dogs, **Asian Policy**, n.1, Janeiro de 2006. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=hdTMuHG2hXcC&pg=PA284&lpg=PA284&dq=Taiwan:+The+Tale+that+Wags+Dogs&source=bl&ots=R8rndEjQdO&sig=riB7fvmGWFUjYxgDvb_1waNlbDk&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwjMvO_rvK_MAhVDE5AKHRRHCiwQ6AEIMzAD#v=onepage&q=Taiwan%3A%20The%20Tale%20that%20Wags%20Dogs&f=false>. Acesso em em 20 dez. 2014

MEARSHEIMER, John J. Can China Rise Peacefully In. **The Tragedy of the Great Power Politics**, Nova York: Norton, 2001.

_____. Taiwan's Dire Strait, **National Interest**, número 130, março/abril 2014. Disponível em: <<http://mearsheimer.uchicago.edu/pdfs/Taiwan's%20Dire%20Straits.pdf>> Acesso em: 10 jan 2015

_____. China's Unpeaceful Rise, **Current History**, número 105, Nº 690, abril 2006. Disponível: <<http://mearsheimer.uchicago.edu/pdfs/A0051.pdf>> Acesso em: 10 jan 2015

MACFARQUHAR, Roderick (2006). **The China Quarterly and the History of the PRC**. The China Quarterly, 188, pp 1092-1097. doi:10.1017/S0305741006000567.

MENDES, Carmem Amado. O conflito no Estreito de Taiwan “Uma China, uma nação, dois lados?” In: GONÇALVES, M. A; **O diálogo Europa-China-Ásia-Pacífico desafios e turbulências no século XXI**. Fórum Luso-Asiático 2004. cap.11. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/21246/1/2004_CAM_Estreito_Taiwan_FL_A.pdf>

PINTO, Paulo A. Pereira. Taiwan- um futuro formoso para a ilha? Aspectos de segurança e política, **Revista Brasileira de Política Internacional**, 47 (2), Novembro de 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v47n2/v47n2a03.pdf>> Acesso em: 02 jan 2015

_____. A questão de Taiwan: O cenário mais provável para a ilha, **Revista Brasileira de Política Internacional**, 43 (1), janeiro/junho de 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v43n1/v43n1a09.pdf>>. Acesso em: 28 fev 2015

ONU, Organização das Nações Unidas, Tratado de São Francisco. **Coleção de Tratados da Organização das Nações Unidas**, São Francisco, Estados Unidos da América. 8 de Setembro de 1951. Disponível em: <<https://treaties.un.org/doc/Publication/UNTS/Volume%20136/volume-136-I-1832-English.pdf>> Acesso em: 19 dez 2014

ROBERGE, Michael; LEE You Kiung. China-Taiwan Relations, **Council on Foreign Relations**, 11 de Agosto de 2009. Disponível em: <<http://www.cfr.org/china/china-taiwan-relations/p9223>>

SWAINE, Michael D. Trouble in Taiwan, **Foreign Affairs**, março de 2004. Disponível em: <<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=SWAINE%2C+Michael+D.+Trouble+in+Taiwan%2C>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

ZISSIS, Carin. Taiwan's Turbulent Strait, **Council on Foreign Relations**, 7 de março de 2007. Disponível em: <<http://www.cfr.org/china/taiwans-turbulent-straits/p12793>> Acesso em: 03 jan 2015.